

APRESENTAÇÃO

Apesar de nosso homenageado haver produzido muitos outros artigos e capítulos de livros, como consta no currículo acadêmico (p. 12-31), nossa pretensão é de reunir aqui apenas os trabalhos que ele produziu e apresentou em eventos do CIFEFiL de 1998 a 2015, e publicou através de seus periódicos.

Dada a origem dos trabalhos aqui reunidos, ocorreram algumas repetições necessárias, visto que, nos minicursos apresentados do IV ao XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, não se poderia introduzir um tópico específico de suas reflexões sem apresentar sinteticamente as bases teóricas sobre as quais ele se fundamenta.

Por isto, na leitura de um dos ensaios, os dados fundamentais para sua completa compreensão são apresentados ou reapresentados, porque não se poderia pressupor que os cursistas já tivessem tomado conhecimento desses fundamentos teóricos, mesmo quando já apresentados em outros minicursos nos anos anteriores.

Por isto também, a reunião desses ensaios foi feita na sequência cronológica, de modo que, os três primeiros, quando o autor ainda estava academicamente ligado à Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), são trabalhos em coautoria com colegas da mesma universidade (Márcia Reiko Taka, Luciane Rampazo Blanco e Camila Bambozzi Veasey), enquanto os seguintes (já na Universidade Estadual de Londrina – UEL) foram dispensados dessa participação coautoral.

Segue uma síntese dos vinte trabalhos aqui reunidos, para que se tenha previamente uma visão do conjunto, apesar de terem sido produzidos em quase duas décadas e fazerem alusão frequentemente a outros trabalhos seus, apresentados e publicados por outras instituições.

Além de estarem apresentados na ordem cronológica, os capítulos deste livro estão precedidos de quatro prefácios, em que seus familiares, colegas e orientandos se fazem bem representados, e de um currículo acadêmico organizado a partir do Currículo Lattes, atualizado e publicado pelo autor no dia 7 de janeiro deste ano de 2016.

Antes de apresentar a síntese desses trabalhos, gostaríamos de agradecer principalmente às professoras Letícia Jovelina Storto e Edina Regina Pugas Panichi, da Universidade Estadual de Londrina, e aos familiares de Paulo de Tarso Galembeck pela presteza com que colaboraram para a realização dessa publicação, que sairá também em uma versão digital em CD-ROM e virtual, onde se publicará também um álbum organizado pela Profa. Letícia Storto, que deverá ser omitido na versão em suporte impresso.

***Tentativa de síntese dos capítulos, um a um,
seguindo a ordem cronológica de sua produção e publicação***

Dispostos cronologicamente neste volume, apresentam-se, primeiramente os três capítulos produzidos em coautoria com seus colegas e orientandos da Universidade Estadual de São Paulo, à qual ainda estava profissional e academicamente vinculado.

A seguir, outros dezessete capítulos são apresentados, na mesma ordem cronológica, sendo que todos tratam de publicações resultantes de trabalhos apresentados em eventos organizados pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e publicados em seus periódicos.

Dada esta sua origem, há frequentes repetições, visto que esses eventos são realizados anualmente, não se podendo supor que os alunos ou cursistas dos minicursos em que eram apresentados tivessem conhecimento da fundamentação teórica em que se baseia a argumentação de cada um deles.

Para não alongar mais, seguem as referidas sínteses:

1. A paráfrase em aulas para os ensinos médio e superior, em coautoria com Márcia Reiko Takao (UNESP)

Analisa a ocorrência da reformulação parafrástica em aulas para os ensinos médio e superior, para verificar o papel exercido por esse processo de reconstrução na interação professor-aluno. O *corpus* do trabalho é constituído por inquéritos do tipo EF (elocução formal), pertencentes a quatro inquéritos do projeto NURC/SP e cinco inquéritos do projeto NURC/RJ, com uma duração média de quarenta minutos cada um.

2. Marcadores conversacionais na linguagem jornalística, em coautoria com *Luciane Rampazo Blanco* (UNESP)

Trata do papel exercido pelos marcadores conversacionais na estruturação do discurso falado culto, verificando-se a presença desses elementos nas três posições do turno conversacional (inicial, medial, final) e a função por eles exercida em cada uma dessas posições. Depois de conceituados e caracterizados os marcadores conversacionais, é discutido o papel que eles exercem em cada posição. O *corpus* do trabalho é constituído por dois programas da série “Roda Viva” e por duas edições do programa “Brasil pensa”, perfazendo-se umas quatro horas de duração, em que há interação real entre os participantes, caracterizada pela alternância nos papéis de falante e de ouvinte.

3. O “eu” e o “outro” em diálogos simétricos, em coautoria com *Camila Bambozzi Veasey* (UNESP)

Discute a presença de marcas de subjetividade e intersubjetividade na interação falada simétrica, com a finalidade de evidenciar a presença direta dos interlocutores nessa forma de interação verbal. O ponto de partida são os conceitos de sujeito e de dialogismo, entendendo-se como *sujeito* não apenas o “eu”, mas igualmente o “outro”, e assumindo a noção de sujeito como dúplice e reversível. Os autores discutem a natureza dialógica da linguagem e o componente interpessoal ou interacional, que mostra a sua relevância em diálogos, sobrepondo-se aos componentes textuais e informativos. As ocorrências discursivas são classificadas a partir de variáveis como: quem produz a marca de subjetividade e intersubjetividade, a quem a marca se dirige, a espécie de marca, o grau de envolvimento entre os interlocutores, a relação da marca com o desenvolvimento tópico e o caráter de atenuação.

4. Inserções parentéticas na fala culta de São Paulo

Discute, em duas partes, a configuração formal das inserções parentéticas e o papel por elas exercidos na construção do texto falado. Na primeira parte é apresentada a fundamentação teórica, na qual se trata dos processos de construção da língua falada (ativação, reativação e desativação), dos processos de desativação no plano da sequência tópica (parênteses e digressões) e do conceito de tópico e ruptura tópica. Na segunda parte, as ocorrências são classificadas a partir da configuração formal das

inserções, das marcas formais da frase que “hospeda” o segmento paratético e do elemento ao qual se voltam as inserções. O *corpus* do trabalho é constituído por quatro inquéritos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes) do Projeto NURC/SP.

5. Unidades discursivas na fala culta de São Paulo

Discute os procedimentos de estruturação de enunciados característicos da língua falada (denominados unidades discursivas) e de suas partes componentes, em diálogos simétricos. O fato de as unidades discursivas constituírem unidades pragmáticas (e não apenas sintáticas) é adotado como hipótese de trabalho, porque essas unidades apresentam processos variados de estruturação, incorporam dados do contexto e da situação, e refletem o processo de elaboração do texto conversacional. Também neste capítulo foram utilizados os inquéritos do Projeto NURC/SP, sendo que a primeira parte da exposição se dedica à fundamentação teórica, discutindo o modo pragmático da linguagem e expondo o conceito de unidade discursiva. Na segunda, é feita a análise do *corpus* com base nos fundamentos anteriormente sintetizados.

6. A linguística textual e seus mais recentes avanços

Apresenta a evolução da linguística textual, a partir do exame das etapas evolutivas dos estudos do texto em três passos: as análises transfrásticas, as gramáticas textuais e as teorias de texto, terminando o capítulo com a discussão dos conceitos de texto como processo (e não como produto) e o papel do contexto interacional na apreensão e construção dos sentidos do texto.

7. Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates

Discute a correlação entre a ruptura do tópico em andamento e alternância de tipos textuais a partir da noção corrente de tópico (“aquilo acerca de que se está falando”) e dos quatro tipos textuais definidos como narração, dissertação, injunção e descrição. Toma como *corpus* duas edições do programa “Roda Viva” (entrevistas com a filósofa Marilena Chauí e com o senador Pedro Simon) e duas edições do programa “Brasil pensa”. A primeira parte do trabalho se dedica à fundamentação teórica, com as

noções de texto e discurso e são discutidas a tipologia de textos e a formação dos tipos textuais. A segunda se dedica à análise dos dados.

8. Língua falada: processos de construção

Apresenta e discute os processos de construção da língua falada, a partir dos três processos seguintes dessa modalidade de exteriorização linguística, tomando como *corpus* dois fragmentos do Projeto NURC/SP: a) *Construção por ativação*: processo central de construção da língua, tratando do tópico e suas propriedades, da construção do enunciado e dos marcadores conversacionais; b) *Construção por reativação*: característica da fala, representa uma volta ao já-dito, por meio da retomada ou reformulação de porções do tópico ou do enunciado; c) *Construção por desativação*: representada pelos truncamentos de palavras ou frases e pela ruptura total ou parcial do tópico em andamento.

9. Procedimentos de monitoramento do falante em diálogos simétricos

Expõe as técnicas de auto e de heteromonиторamento utilizadas pelo falante em diálogos simétricos, discutindo o seu papel no estabelecimento e manutenção da interação entre os interlocutores. Na primeira parte, conceitua a conversação e discute os conceitos de monitoramento; na segunda, apresenta os diversos processos discursivos utilizados pelo falante no monitoramento do próprio discurso (automonиторamento) e no discurso do interlocutor (heteromonиторamento). Apresenta os diversos procedimentos discursivos por meio dos quais o falante, em diálogos simétricos, exerce uma dupla atividade de controle, seja fiscalizando o próprio discurso, para se assegurar de que está sendo compreendido e verificar se está sendo criado o contexto partilhado entre os interlocutores, seja monitorando as atitudes e reações do interlocutor. Expõe e discute, inicialmente, as características da conversação e as noções de monitoramento para, a seguir, expor os procedimentos por meio dos quais os falantes monitoram sua própria fala e as reações do seu interlocutor. O *corpus* utilizado é do Projeto NURC/SP, através de inquéritos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes).

10. Processos de monitoramento do falante como recursos de envolvimento interpessoal

Apresenta os diversos procedimentos discursivos por meio dos quais o falante, em programas de entrevista e debates, exerce uma dupla atividade de controle: fiscalização do próprio discurso, com o objetivo de assegurar que ele está sendo compreendido e está sendo criado o contexto partilhado entre os interlocutores e monitoramento pelo falante das atitudes e reações do interlocutor. Inicialmente, são expostas e discutidas as características da conversação e as noções de monitoramento; a seguir, expõem-se os procedimentos por meio dos quais os falantes monitoram a própria fala, assim como as reações do seu interlocutor, abonando-se com exemplos extraídos de dois programas da série "Brasil pensa", e de dois outros da série "Roda viva".

11. Texto, contexto e contextualização

Ensina que a capacidade de receber novas informações e entender o que se passa ao redor só é possível porque essas informações se associam à rede de representações conceituais de que dispomos. Portanto, nada nos é totalmente novo, e aquilo que não entendemos consiste em informações que não conseguimos associar à nossa rede de relações. Essa rede é partilhada pelos membros de uma comunidade, criando-se o contexto cultural comum nos membros do grupo. Dessa forma, a transmissão de informações deve estar associada à criação ou recriação desse contexto comum, por meio de procedimentos discursivos variados. Discute-se aqui esses procedimentos de contextualização, a partir do quadro teórico da linguística textual, apresentando um quadro da evolução dessa disciplina e da própria noção de contexto, e discutindo, a partir de exemplos, os procedimentos mencionados.

12. A oralidade na escrita: marcas da língua falada em textos escolares

Verifica os traços de oralidade presentes em textos produzidos por alunos da oitava série do ensino fundamental e mostra que esses traços revelam a dificuldade de o adolescente estruturar o texto de acordo com os padrões da escrita e criar um contexto adequado a essa forma de realização.

Para fundamentar essa verificação e demonstrar a validade das conclusões, será considerado que nos primeiros estudos da língua falada, ela era considerada de forma dicotômica em relação à escrita: a fala era tida como não planejada, presa à situação enunciativa, voltada para as necessidades mais imediatas, fragmentária, dispersa, enquanto a escrita era caracterizada como planejada previamente, mais ligada à cultura de um povo e à elaboração intelectual, coesa e bem estruturada. Nisso estava embutida a valorização da escrita, vista como a realização linguística mais perfeita, capaz de registrar os avanços de um povo e, por oposição, o desprestígio da fala, vista como o lugar do imprevisto e daquilo que é mais corriqueiro e banal.

Aliás, essa polarização ignorava o fato de que tanto a fala quanto a escrita podem ser empregadas em situações tensas ou distensas: um bilhete tende a ser informal como um recado oral, assim como o texto científico e a exposição acadêmica são igualmente formais, ignorando também que as características da fala e da escrita devem ser vistas como algo que decorre do uso e das circunstâncias da enunciação.

Pode se concluir que fala e escrita se completam e, entre ambas, há uma continuidade. Tanto que Luiz Antônio Marcuschi (2001) examina a fala e a escrita a partir da perspectiva sociovariacionista e assinala que ambas apresentam dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade e que as diferenças entre ambas ocorrem dentro de um *continuum* tipológico, devendo ser vistas dentro da perspectiva do uso.

Assim, as conferências e a oratória forense trazem as marcas enunciativas características da escrita formal, do mesmo modo que as redações escolares se aproximam da realização falada informal ou das conversas espontâneas.

O *corpus* utilizado é constituído por dez textos a respeito de temas atuais como droga, sexo e corrupção, produzidos por alunas de uma escola pública de Londrina – PR.

13. Marcas da oralidade em textos escolares

Verifica os traços de oralidade presentes em textos produzidos por alunos da oitava série do ensino fundamental e demonstra que esses traços revelam a dificuldade do adolescente para estruturar o texto de acordo com os padrões da escrita e criar um contexto adequado a essa forma de realização.

Verifica que fala e escrita não se opõem, pois entre ambas existe uma continuidade, estudando-se as marcas de oralidade presentes em textos produzidos por alunos da oitava série de uma escola pública de Londrina – PR. As referidas marcas são divididas em marcas decorrentes do planejamento local da elocução e marcas relacionadas com o envolvimento entre os participantes da interlocução, finalizando-se com algumas propostas para a solução dos problemas verificados e expostos.

Muito do que se tratou no anterior é repetido aqui para fundamentar as conclusões, análises dos problemas e propostas apresentadas.

14. Inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior

Discute a configuração formal das inserções parentéticas e o papel por elas exercido na construção do texto falado com a fundamentação teórica, na qual se trata dos processos de construção da língua falada (ativação, reativação, desativação), dos processos de desativação no plano da sequência tópica (parênteses e digressões) e do conceito de tópico e ruptura tópica e com a classificação das ocorrências a partir da configuração formal das inserções, das marcas formais de frase que “hospeda” o segmento parentético e do elemento ao qual se voltam as inserções. O *corpus* utilizado é constituído por três inquéritos do tipo EF (evolução formal) do projeto NURC/RJ, e três do NURC/SP.

15. Processos de construção de textos falados e escritos

Estuda os procedimentos de construção do enunciado e as formas de desenvolvimento do tópico em textos escritos e falados. O estudo será desenvolvido a partir da proposta que menciona três processos de construção do texto: ativação, reativação e desativação. Na ativação, serão estudados o tópico discursivo, os operadores do discurso e os enunciados da fala e da escrita; na reativação, tratar-se-á de repetições e paráfrases e, na

desativação, serão discutidas as inserções parentéticas. Os fenômenos citados serão estudados de forma correlativa em textos falados e escritos.

16. Recursos de expressividade em aulas

Discute o papel dos recursos de expressividade em aulas e assinala o papel deles na exposição dos conteúdos e na obtenção do efeito de sentido desejado pelo professor.

Na primeira parte, são expostas as noções de subjetividade e tensão conversacional, assim como se discute a noção de expressividade, com a exposição dos elementos expressivos e, na segunda, discute-se o papel dos elementos expressivos no *corpus*, que é constituído por gravações de aulas para os ensinos médio e superior em três inquéritos do tipo EF (elocução formal) do Projeto NURC/RJ e três do Projeto NURC/SP.

Em qualquer forma de interação falada (simétricas ou assimétricas), existe a proximidade entre os interlocutores, que interagem na construção do texto. Por isso, ela é caracterizada pela subjetividade e pela tensão entre os participantes do ato interacional, podendo-se constatar que os procedimentos que mais de perto assinalam a coparticipação dos interlocutores são os recursos de expressividade, com os quais o falante enfatiza o que diz, para criar um contexto comum e levar os ouvintes a aceitarem seu ponto de vista.

17. Fala e escrita em questão

Apresenta, de forma correlativa, os processos de construção da escrita e da fala. Na escrita, enfoca-se o fato de que ela é caracterizada pelo maior número de itens lexicais em cada oração (densidade lexical), enquanto a fala se caracteriza pela complexidade da organização sintática e pela presença de marcas explícitas de subjetividade.

A exposição é ilustrada por textos representativos das duas formas de realização linguística: a) escrita, pelo texto “O demógrafo que pensava o clima”, e a fala, por um fragmento do inquérito 251 do Projeto NURC/RJ (elocução formal).

18. O tópico em textos falados e escritos

Discute, em duas seções, os procedimentos mais comuns de expansão do tópico discursivo em textos escritos e falados: na primeira, é conceituado o tópico e expostas as suas propriedades; analisando-se, na segunda, os três procedimentos mais frequentes de expansão do tópico: a explicitação, a exemplificação e as relações causais, usando inquéritos do Projeto NURC/SP e matérias extraídas de revistas como *corpus* exemplificativo e abonador.

19. Procedimentos de contextualização: a criação do espaço comum partilhado pelos interlocutores

Apresenta, em duas partes, alguns procedimentos de contextualização ou criação do espaço comum partilhado pelos interlocutores, em matérias publicadas em edições recentes de revistas semanais. Na primeira, é exposta a evolução da noção de contexto, à luz da trajetória da linguística textual, e, na segunda, são apresentados alguns exemplos representativos de processos de contextualização.

20. A trajetória da linguística textual

Apresenta, em duas partes, a trajetória da linguística textual, desde as teorias de base enunciativa e pragmática até a teoria do texto, em sua formulação mais recente. Na primeira parte, são examinadas as teorias que antecederam o estabelecimento do texto como objeto autônomo de significação: a teoria da enunciação (Émile Benveniste), a teoria dos atos de fala, a teoria da atividade verbal, as análises transfrásticas (correlação entre os tempos verbais, o emprego dos determinantes definidos, os vínculos sequenciais e referenciais entre os enunciados), quando ainda não se considerava o texto como objeto autônomo. A segunda parte trata da gramática do texto e da linguística textual, sendo que a gramática do texto era baseada na gramática gerativa ou transformacional e propunha o estabelecimento de um percurso gerativo para o texto, definindo o próprio texto como objeto autônomo, e deixando de considerá-lo apenas uma grande frase ou uma série de enunciados bem formados.

A autonomia do texto é aprofundada pela linguística textual, que se assenta em bases sociocognitivas e interacionais e, assim, enfatiza os in-

terlocutores (falante/ouvinte, autor/leitor) como seres ativos (ou interativos) e situados, responsáveis pela interação verbal e pelo estabelecimento dos significados e do sentido textual.

Por fim, encerra a exposição com algumas considerações a respeito do contexto e do papel por ele exercido para a compreensão do texto.

Os Organizadores